ANPEGE

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia

SEÇÃO TEMÁTICA

Estudos Críticos de TURISMO, TERRITÓRIO E AUTODETERMINAÇÃO

REVISTA DA ANPEGE

ISSN 1679-768X

VOLUME 19

N. 40 (2023)

30 ANOS ANPEGE

DOI: 10.5418/RA2023.V19I40.16343

REVISTA DA ANPEGE | v. 19 nº. 40 (2023) | e-issn: 1679-768x

VIAGENS PARA FORA E PARA DENTRO: O ENCONTRO ENTRE LITERATURA E TURISMO

Inward and outward travels: the encounter between Literature and Tourism

Voyages à l'extérieur et à l'intérieur: la rencontre entre Littérature et Tourisme

EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO
Universidade Federal de Goiás (UFG)

ADÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA
Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Porto Nacional

VALÉRIA CRISTINA PEREIRA DA SILVA
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo: Que possibilidades de interlocução podem existir entre turismo e literatura? Essa pergunta mobiliza o presente trabalho, cujo objetivo é elaborar uma interpretação da *viagem* como ponto de aglutinação entre essas duas atividades humanas. Uma premissa teórica se coloca como suporte das reflexões: tanto o turismo quanto a literatura promovem viagens. O turismo promove o deslocamento espacial dos sujeitos para que, em viagem, estes desenvolvam mudanças de percepção, pausa na vida cotidiana, afastamento da rotina, conhecimento de novas paisagens e territórios, descanso. A literatura, em qualquer de seus gêneros, usufrui do poder metafórico para constituir deslocamento imaginativo de imagens e de situações humanas. Uma literatura para viagem ou uma viagem pela literatura; o turismo literário ou uma literatura de turismo experimentam imensas possibilidades de reflexão sobre o mundo. Esta pesquisa contou com trabalho de campo, organização de simpósios e várias atividades delineadas por redes de pesquisa.

Palavras-Chaves: turismo e literatura; viagens; deslocamentos espaciais e metafóricos; semiotização

Résumé: Quelles sont les possibilités d'interloctions entre le tourisme et la littérature? – Cette question mobilise le présent travail dont le but est d'élaborer une interprétation du voyage comme point de jonction entre ces deux activités humaines. Une prémisse théorique se pose comme support des réflexions : tant le tourisme que la littérature promeuvent des voyages. Le tourisme favorise le déplacement spatial des sujets afin que, pendant leur voyage, ils développent des changements de perception ; une pause dans la vie quotidienne; un éloignement de la routine; la connaissance de nouveaux paysages et territoires; le repos. La littérature, dans n'importe quelle de ses genres, profite du pouvoir métaphorique pour constituer des déplacements imaginatifs, d'images et de situations humaines. Une littérature par le voyage ou un voyage à travers la littérature ; le tourisme littéraire ou une littérature de tourisme expérimentent d'immenses possibilités de réflexion du monde. Cette recherche a fait du travail de champ, l'organisation de symposiums et des diverses activités définies par des réseaux de recherche.

Mots-Clefs: tourisme et littérature; voyages; déplacements spatiaux et métaphoriques; sémiotisation

INTRODUÇÃO

Convém explicitar, inicialmente, a origem e o sentido das reflexões que serão feitas neste artigo. O diálogo entre geografia, literatura e turismo possui quase uma longa história. Esse diálogo é formalizado a partir do registro no CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico), por meio do grupo "Diálogos possíveis entre Geografia, Literatura e Arte", pela Revista *Geografia, Literatura e Arte*, radicada na Universidade de São Paulo; por um grupo de trabalho – GT (Grupo de Trabalho) – na Enanpege (Encontro Nacional de Pós-graduação em Geografia); por duas redes de pesquisa: a rede Entremeio (Rede de Pesquisa Geografia, Turismo e Literatura) e a rede Reescrita (Rede de Estudos Críticos em Turismo, Território e Autodeterminação). Nessa esteira, pode-se dizer que o mesmo diálogo abraça o Fórum Intersindical Saúde, Trabalho, Direito – Fiocruz (RJ) – e o grupo de pesquisa "Espaço, Sujeito e Existência" – Dona Alzira – Goiânia-GO.

O diálogo e o entrelaçamento de todas essas instituições, nessa quase longa história, são marcados pela presença de pesquisadores e professores, como a do professor Julio Susuki – USP (Universidade de São Paulo); Angelita Pereira de Lima (Universidade Federal de Goiás); Ricardo Jr. de Assis Fernandes Gonçalves e Ana Carolina de Oliveira Marques – UEG (Universidade Estadual de Goiás); Adriana Carvalho Silva (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – *Campus* de Seropédica); Thiago Sebastiano de Melo – UnB (Universidade de Brasília); Maria Elicher Jaqueline – Escola de Turismo – Unirio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro); Manoel Martins de Santana Filho, Felipe Moura Fernandes – UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro); Geny Ferreira Guimarães – Professora EBTT de Geografia no CTUR/UFRRJ; Jader Janer Moreira Lopes – UFJF (Universidade Federal Juiz de Fora). Junto a estes, participam da rede pesquisadores de Cuba, Espanha, Colômbia, México e Portugal.

A lista de nomes e instituições é grande, e muitos não citados foram igualmente importantes. No caminho dessa quase longa história, há permanências e dissuasões, assim como acolhimento de novos membros. Nessa trajetória, a ponte entre geografia, literatura e arte, aos poucos, foi convocando o campo do turismo como um fiel e inseparável parceiro, de modo a descobrir-se que a literatura, um jato de palavras, e o turismo, uma miríade de significações, ambos se estruturam em torno de diferentes deslocamentos, de diferentes formas de viagens.

Dessa forma, feita a síntese da quase longa caminhada dos grupos envolvidos em torno da temática em questão, convém elucidar que este texto é um exercício de reflexão feita não apenas dentro desses grupos, mas também a partir deles, com eles e para eles. Por isso, vale, neste momento, apresentar uma espécie de balanço qualitativo das conquistas dos grupos envolvidos. Certamente, a primeira conquista refere-se à assunção da *palavra* ou da *narrativa* na consecução da ciência, da arte, da educação e, de modo mais geral, da vida humana. Convém reconhecer que as palavras, ao referirem-se a um objeto, um evento de vida, uma situação, fazem da experiência do dizer uma forma de recriar o mundo como um novo acontecimento. Nesse sentido, é plausível afirmar: nada que existe no mundo é autoevidente, porque tudo depende da palavra. A literatura, assim, é arte da palavra, porque a vida o é.

Na caminhada de reflexões, descobriu-se coletivamente que a dimensão simbólica transforma o ser humano e tudo que dele decorre numa viagem ao infinito humano. Ou seja, o sujeito se coloca na gravidade das representações, do pensamento, da militância e das paixões. Por fim, há que se afirmar que os principais propósitos dos grupos envolvidos com a temática em questão é desburocratizar a "dicção" científica; gerar meios para sair do cativeiro formal, laboratorial e cosmético do texto acadêmico; e também, com arte, adotar componentes como a sensibilidade, o acolhimento, a crítica serena e compassada. Assim, é possível contrapor-se à triste aridez desse tempo e a qualquer forma de brecar a potência criadora do ser humano.

Portanto, não abandonar o preceito crítico de um pensamento que luta por justiça nem ceder aos esquemas abstratos e insossos do academicismo universitário são duas

posturas que fazem coro à intersecção entre literatura e turismo sob a mediação do território. Em razão disso, esse entrelaçamento convoca também a geografia.

O encontro entre literatura e turismo: construindo um problema

Certamente, há pontos de contatos, ambivalências, enriquecimentos, complementaridades, semelhanças, diferenciações entre turismo e literatura. Pode-se, por exemplo, conceber a viagem como a essência do turismo e como a essência da literatura. A viagem turística sacoleja a percepção, desloca o olhar, estranha os sentidos do viajante, e, assim procedendo, pode enriquecer a sensibilidade. É possível, por exemplo, que o sujeito, ao praticar o turismo, saia da pauta rotineira da vida controlada e oprimida, fazendo uma pausa no tempo do trabalho. Para isso, é necessário deslocar-se fisicamente para fora e, então, enriquecer o seu dentro.

Por conseguinte, as viagens turísticas produzem ausências necessárias da moradia, da cidade onde se vive, do local de trabalho, da rotina diária. Por isso, mexem no esquema de significação da pessoa. Distante, o sujeito pode valorizar a família, os amigos, as peladas de futebol, a sua experiência cotidiana. Fora de casa, falamos de amor e amamos mais porque saímos da vida cosmética e da vida de estado. O turismo, desse modo, pode ampliar a visão de mundo ampliando, na mesma página, a visão que o sujeito tem de si mesmo.

Em contrapartida, em muitos casos, o turismo se apresenta apenas como uma solução econômica para determinados grupos ou países, uma promessa de renda. No entanto, é, de fato, uma economia de monopólios, que reforça a desigualdade social, exila a maioria dos trabalhadores de suas possibilidades, separa lugares para ricos e pobres. Nesse sentido, constata-se que o setor, apesar de crescer economicamente a despeito das crises, remunera mal os trabalhadores. Ainda assim, não se pode desconsiderar que dinamiza determinados lugares, “passa batom” em outros, repaginando relações entre sujeito, paisagem e cultura.

A viagem da literatura – e pela literatura – é um pulo de dentro para fora e também de fora para dentro. Isso ocorre pois o escritor, com a sua imaginação criadora, retira da sua experiência concreta os artefatos simbólicos e as imagens primiciais, às vezes nebulosas na consciência, para produzir enredos de sua criação. Essas imagens, postas no golpe ficcional, dizem a luta renhida do ser humano no mundo. Sendo assim, pode-se afirmar que a ficção e a vida concreta se pressupõem e se alimentam.

O fora da literatura, isto é, as paisagens, os lugares, as situações humanas são, por isso, substratos ficcionais. Cabe então compreender que a ficção não é uma mentira, pois a sua matéria é o mundo concreto; e o mundo concreto não é uma verdade evidente, porque dependemos de narrativas para conhecê-lo. Sem esse *fora* – o mundo objetivo, incluindo a cultura, a linguagem –, não há drama, tragédia, suspense, os torneios difíceis do amor e das relações humanas; sem o mundo objetivo, as palavras não produzem sentido; sem as palavras, o mundo objetivo não existe na consciência.

Desta feita, a literatura é um documento do mundo concreto: precisa lamber o chão. Como diz Tezza (2012), tudo pode mentir, menos a literatura. É o mesmo Tezza

que explica que o escritor que não pisa no chão faz da literatura apenas algo diletante, um mero capricho dos que dominam os lugares e os territórios. Mas a literatura, especialmente o romance, é quase sempre um enredo da sociedade moderna, burguesa. Embora criado assim, desliza e escapa, pois se abre aos vários dizeres, às várias posses e às várias lutas de significação.

Em decorrência disso, o encontro entre literatura e turismo possui um tino educativo. Quem é turista, ao deslocar-se, atina a sensibilidade, a percepção, a imaginação. Em suma: ser turista é produzir novas imagens do mundo e de si mesmo. Por sua vez, a literatura precisa dizer o mundo humano, amparar-se nos ambientes, nos lugares, nas diferentes atmosferas, sem as quais paira como éter perdido num buraco negro.

Uma literatura de viagem, como querem alguns, ou uma viagem pela literatura; um turismo literário ou uma literatura de turismo experimentam imensas possibilidades de reflexão sobre o mundo, suas contradições e suas potencialidades. Isso é o que veremos.

Os níveis de aproximação entre literatura e turismo

O turismo, como uma das maiores narrativas do mundo contemporâneo, centra-se no discurso de viagem. Rotas, países, continentes, lugares e paisagens estão sempre na agenda de turistas e de companhias de viagens, empresas de turismo, hotéis e *resorts*. Isso implica, além das dimensões simbólicas e de significações sobre o que representa ir a um lugar ou a outro, também elementos concretos da sociedade capitalista, como dinheiro, organização pessoal, parcerias, destinos.

Ademais, tudo também possui uma lógica ou um ordenamento costurado pelo marketing e pelo plano de interesse: lugares, países e continentes, em determinados períodos históricos, se tornam alvos disso. Agora (primeiro quarto do século XXI), por exemplo, a Ásia tem sido um destino turístico bastante procurado por brasileiros; mas se conserva ainda, no caso dos brasileiros e da maior parte do mundo, à procura por destinos centrados na Europa e nos Estados Unidos da América.

Contudo, há grupos, coletivos, pessoas que, contrapondo-se aos destinos hegemônicos do mundo rico, querem conhecer a África e a América Latina. Se, por um lado, há paixões miradas aos lugares do mundo rico, há, por outro lado, também repulsas políticas e ideológicas a esses lugares. Há também gente que, ao politizar os sentidos de viagem, fala em descolonizar o turismo, criando outros sistemas de pertencimento, de ligação com as paisagens e com as culturas. Dessa forma, o turismo, assim como a literatura, é perpassado por disputas discursivas.

Os diferentes tipos de turismo explicitam os conflitos de interesses pelos lugares e pelos formatos de viagens. Nessa teia de diferenciação, situa-se o turismo religioso, para Fátima (Portugal), Jerusalém (Israel), Trindade (GO-Brasil); o turismo histórico, para as pirâmides do Egito, as Ruínas Teotihuacán (México) e as Muralhas da China; o turismo esotérico, em Cuzco (Peru) ou na Chapada dos Veadeiros (GO); o turismo cultural, que sublinha o Louvre e a catedral de Notre-Dame, Paris (França); o turismo de

entretenimento, na Disneylândia (EUA); o turismo de praia e sol, em Cancún (México), e no Rio de Janeiro (Brasil); o ecoturismo, nos alpes andinos ou nas cachoeiras de Pirenópolis (Goiás). Poderíamos nos estender nessa listagem, mas basta dizer que a turistificação recebe a chancela peremptória sintetizada na frase: "Todos os lugares podem ser visitados, tudo pode ser turistificado".

Além de ser formulado por meio de lógicas e sentidos sociais diferenciados, discrepantes ou até contraditórios em termos de significação e ideologia, o turismo pode ser considerado uma máquina semiotizadora. De uma maneira simples, isso quer dizer: o turismo produz sentidos, ideias, desejos. Ele pode significar pausa, descanso, deslocamento da percepção, mas junto produz almas, consciência, modos de ver o mundo.

Ao observar, por exemplo, a seta dos destinos de viagem, é fácil compreender que o turismo é cortado pela divisão internacional do trabalho. A cartografia das viagens demonstra que as pessoas dos países ricos possuem melhores condições de viajar; demonstra também que a maior parte dos destinos miram os países ricos. Os quesitos – quem mais viaja, para onde se viaja, quem tem mais condições financeiras de viajar –, ao serem lidos e interpretados, alimentam as reflexões que reforçam a contraposição a um turismo colonizador ou a um turismo que coloniza as viagens por meio do dinheiro.

O dinheiro é também fator de semiotização e, daí, de separação e de diferenciação. O primeiro aspecto de sua semiotização desperta a interrogação basilar e seminal da REESCRITA (Rede de Estudos Críticos em Turismo, Território e Autodeterminação): podem os trabalhadores fazer turismo? Que turismo? A interrogação insinua, no jogo semiótico, isto é, das significações produzidas pelo turismo, a sua dimensão política e ideológica. Em muitos casos, o relato de viagens é posto como uma espécie de poder sobre os que não viajaram. Subliminarmente, o que está sendo relatado é o poder de posse que os endinheirados possuem relativo aos sujeitos empobrecidos, sublinhando uma espécie de superioridade de *status* social.

Sob a mediação do dinheiro, o gesto de poder do "viaja quem pode" tende a reforçar a ética cínica numa trama ignóbil: nessa ética, quem recebe o turista comete falcatruas, aumenta o preço das coisas, desenvolve táticas para surrupiar o chegante; e o que chega, porque tem dinheiro, pode se achar no direito de fazer qualquer coisa que quiser, fazer a pose de "quem pagou pode tudo", inclusive deixar lixos na praia, ser mal-educado com empregados do hotel, gozar da cara de vendedores informais etc.

Vale insistir nisto: a trama do poder financeiro remete também ao plano ideológico. Nessa trama, surge e se esparrama a ideologia do "sujeito viajado" como uma marca de classe e *ethos* da configuração espacial (urbano). Os sujeitos endinheirados viajam, falam das viagens, demonstram que viajaram, conhecem o mundo e as paisagens retumbantes (muitas vezes estilizadas para serem vendidas). As viagens são, desse modo, demonstrações de superioridade no *status* de poder e na barganha social entre sujeitos, classes e, inclusive, etnias.

Há também que ser pontuado: a viagem é uma conquista humana; e, mediante ela, se conquista a potência de enxergar mais – e melhor – o mundo e a si mesmo. Viajar

é uma forma de afastamento espacial que permite um adentramento pessoal; é pôr-se na estrada contra o reducionismo da vida cotidiana. Mas isso não ocorre ingenuamente, pois a positividade genérica e universal de *viajar* não reina absoluta sem as mediações semiotizadoras que transitam no conteúdo das relações sociais desiguais na sociedade capitalista.

Parte de pesquisadores, gestores e estudiosos do turismo se junta às campanhas de publicidade para fixar lugares de visita que, ao serem visitados, além de gerar um trânsito de dinheiro e de lucro, produzem a ideologia do "sujeito viajado". Nesse caso, mostrar que foi a determinados lugares destacados pela publicidade é uma espécie de valorização midiática de si. Entretanto, há posições diferenciadas que querem contrapor à ética cínica e à ideologia do "sujeito viajado", propondo respeito ao Outro e ao diferente; cuidado com as paisagens e admiração pelos lugares; descanso com aprendizagem; deslocamento ativo da percepção e do afeto. Esse antagonismo indica algo central na análise do turismo: ele não possui valor em si. A sua significação é disputada, como o é qualquer outro evento da sociedade burguesa. Essa disputa, como foi abordado, às vezes ocorre silenciosamente pelo capricho das significações e da ideologia.

Apesar disso, é inegável, por exemplo, que, correntemente, o turismo se coloca como um componente que devassa as paisagens, os lugares e os territórios. Isso ocorre, muitas vezes, turistificando a religião; os templos; os ritos; a arquitetura, o patrimônio, a memória, os sítios ecológicos, históricos. O mesmo processo atinge também o sol, praia, rio, guerras, lugares sinistros como campos de concentração; muralhas e fortalezas de guerras; castelos e suas masmorras medievais. É possível, por exemplo, ver essa banalização em antigos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial, como em Auschwitz (Polônia), que é frequentemente objeto de *selfies*; e em outros lugares famosos, como Sierra Maestra (Cuba) ou a favela do Vidigal (Rio de Janeiro). Assim, vê-se que a simbiose entre espetáculo e imagem se insinua constantemente como adereços e artefatos de um gozo, cujo enredo é mercantilizar o olhar ou inseri-lo numa grande máquina semiotizadora.

De todo modo, mesmo sendo uma invenção moderna, como se diz com frequência, o turismo veio para ficar, ou pelo menos irradiar uma flâmula de negócio que cumpre várias funções. Essa atuação funcional ocorre no esquema do prazer do sujeito cansado e estressado; no *status* que diferencia os sujeitos na ordem social; na ideologia e na significação de lugares, paisagens e territórios que são vistos, usados, fotografados a partir de uma posse ligeira. Contudo, embora efêmera, essa apropriação tem eficiência simbólica, pois, afinal, responde quem pode viajar, transitar, usufruir dos objetos de engenharias sofisticados como hotéis, *resorts*; de componentes naturais, como praia, parques, *canyons*; ou de artefatos culturais consagrados na ordem da valorização simbólica.

Desta feita, o turismo é um empreendimento moderno também porque está ligado à riqueza das nações, ao jogo das divisas econômicas e à capacidade de investimento dos países; porque se evidencia como força econômica que, a despeito das crises conjunturais, mantém a safra de crescimento. Além disso, o turismo é também, cada vez mais, um *ethos* de uma sociedade mundializada e de um sujeito que transpõe o grupo,

a comunidade, a nação. Nessa transposição, afigura-se como usuário de uma sociedade mundializada que atua para eliminar fronteiras para o capital, criando muros para o trabalho e para os trabalhadores.

A força do turismo, por isso, não é episódica ou circunstancial. A sua força nos conduz a uma interpelação: o que há de substrato, nessa sociedade, capaz de fazer do turismo algo tão notável e mobilizador? Que significados possui como conquista humana? Pode-se perguntar ainda: que significações há no fato de o turista poder sair do localismo, do bairrismo, do provincianismo para outros lugares, outras culturas, outros idiomas? O que há de alienação, sintoma, documento de uma sociedade contraditória?

Ora, essas interrogações, conforme argumenta Melo (2018), requisitam compreender as determinações sociais do turismo, da turismania e da turistificação. Antes de enfrentar a análise, ao justapor o turismo à sociedade moderna e contemporânea, o autor apresenta uma explicação valiosa:

> O sujeito referencial do projeto de modernização continua sendo o homem branco, heterossexual, cristão e bem-sucedido economicamente. A ciência cada vez mais é a fiel avalista dos projetos sociais de diferentes escalas, dos megaprojetos de mineração à transgenia alimentar, passando por tecnologias de uso cotidiano e chegando aos planos de governos em áreas como mobilidade, manejo dos bens comuns (água, ar, solo, subsolo, fauna e flora). Não raro o Estado capitalista, que gosta de se dizer democrático, essa entidade liberal e (supostamente) laica, cuja missão é equalizar os interesses nacionais considerando e fazendo valer os direitos das diferentes classes que o compõem, encontra no próprio discurso científico barreiras aos seus projetos. Mas nessas ocasiões, um vago senso de "bem comum"/"interesse nacional" é acionado, sem comprometer o papel de avalista dos projetos de desenvolvimento modernizante que a ciência carrega. A liberdade (sempre anunciada como individual, mas que, via de regra, se realiza como de mercado) e a propriedade privada completam as bases dessa metanarrativa capitalista modernizadora que teve, até pouco tempo na industrialização, o suporte do seu desenvolvimento (Melo, 2018, p. 13)."

Conforme a explicação do autor em sua tese de doutoramento, a presença do Estado, a prevalência da economia capitalista, a participação da ciência e do mercado, tudo isso estipula as determinações sociais que comandam vários projetos e atividades econômicas que envolvem o lazer, o cotidiano, as relações sociais, o consumo de paisagens, a organização e a estruturação dos territórios. Desdobra dessas determinações um sujeito referencial: o homem branco, heterossexual, cristão e bem-sucedido economicamente. Mais à frente, o autor apresenta a sua tese. Ele diz que "a tese é que a turistificação e a exclusão estão articuladas e funcionam como dispositivo de atualização e legitimação desse projeto de sociedade capitalista, que podemos apreender a partir de sua metanarrativa e suas práticas, e que tem como principal agente o Estado (Melo, 2018, p. 14)".

Nesse sentido, segundo o que pode ser lido nas palavras do autor, o elo entre crescimento do turismo, turistificação e exclusão social motiva-nos a compreender a irradiação do turismo contemporâneo, sua multiplicidade, seu poder de monopólio. A mercantilização de paisagem, imagens, símbolos, objetos arquitetônicos e memórias necessita

de um assentimento cultural, por isso há a veiculação ideológica do turismo e sua extensão em vários campos, como o lazer, a sexualidade, a educação, o tráfico de drogas, as concepções estéticas. O turismo, então, se insere no *ethos* global da sociedade mundializada, sendo atravessado por ela e participando ativamente de suas contradições.

As sociedades mundializadas, baseadas na força produtiva do avanço de ciência e tecnologia, cristalizam-se pelo processo de reordenamento produtivo e pela acumulação financeirizada. Como consequência, surgem a desregulação da previdência; o crescimento da informalização; o desemprego estrutural; e a efetiva economia transformada num cassino global, diminuindo investimento no setor produtivo, inclusive em produção de bens primários, como a alimentação. Em nome dos negócios em bolsas de valores, *commodities* e serviços vários, o processo acumulativo abarca o tecido social inteiro, promovendo a financeirização da vida.

Nesse quadro, ocorre a mercantilização dos modos de vida, do tempo livre e das expressões simbólicas. O lazer se torna *mercolazer*. Por essa via, se estabelece o chamado "capitalismo cognitivo" ou "imaterial". Na ordem desse capitalismo, é necessário atuar na formação do desejo, fazer negócio com a emoção, com os gostos e com os sentimentos. Para a consecução do capitalismo cognitivo, ocorre a força das máquinas que produzem sentidos, ou seja, as "máquinas semiotizadoras". No pleito da economia simbólica – que produz tipos de viver – mídia, publicidade, futebol e o turismo passam a criar formatos e fórmulas de vida.

Isso tudo ganha um capítulo decisivo a partir de Eugênio Bucci. No livro *A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível* (2021), o autor explica:

> "Mais que mudança: mutação. Desde meados do século XX, quando a televisão se massificou, o capitalismo relega as mercadorias corpóreas (coisas dotadas de alguma utilidade instrumental ou prática) para segundo plano. O que assumiu o lugar de destaque, ou o primeiro plano, foi outra espécie de mercadoria, que não tem corpo físico palpável: os signos, sejam eles imagens, sejam palavras. O capitalismo dos nossos dias é um fabricante de signos e um mercador de signos – as coisas corpóreas não são mais o centro do valor (Bucci, 2021, p. 21)".

A partir de e mediante a operação de mercantilizar signos, publicizá-los e, especialmente, industrializar o imaginário é que se constitui, em toda história da humanidade – e da sociedade moderna –, o maior grau de monopolização já visto. Empresas que industrializam o imaginário, como a Alphaber, a Facebook, a Apple, a Amazon e a Microsoft, juntas, conformam o monopólio de mais de cinco trilhões de dólares, conforme dados de janeiro de 2020.

Nesse viés, a "economia da atenção" e a mineração do olhar constituem o centro do mecanismo da monopolização. Segundo o autor, isso ocorre por meio da máxima exposição dos sujeitos nas redes para que as equações dos algoritmos juntem informações dos seus desejos, das suas emoções, das suas vontades e vicissitudes, para depois serem vendidas em formas de pacotes. Ele enfatiza ainda que "As pessoas se encontram integralmente expostas aos algoritmos dos conglomerados. Tudo nelas é transparente, enquanto tudo nos algoritmos é opaco (Bucci, 2021, p. 20)".

Dessa forma, à medida que o capital se tornou “um contador de histórias”, aprendeu a explorar o olhar; aprendeu a criar narrativas. Nessa perspectiva, nota-se que o turismo é um prato cheio para mobilizar essa operação, pois se coloca como entretenimento, como possibilidade de criar imagens e, especialmente, como uma engrenagem que gera gozo.

Posto isso, é fácil perceber que o turismo e a turistificação são atravessados pela divisão internacional do trabalho (veja onde se localizam os conglomerados); pela luta de classes e pelos novos *ethos* do capitalismo. Contudo, o fato de o turismo ser atravessado pelas contradições sociais não impede que essa atividade proporcione aspectos que positivam novas tomadas de consciência sobre o mundo, novas formas de conhecimento, de aprendizagem, de realizar bons afetos, ou ainda ofereça algum meio para efetivar a liberdade humana, inclusive.

Dentre os vários aspectos positivos do turismo, situa-se a viagem. Aqui entram as relações entre a literatura e o turismo.

A viagem

A viagem pode ser, como enunciado anteriormente, uma das pontes aglutinadoras entre literatura e turismo. A atividade turística se cristaliza por meio da viagem. Às vezes, a própria viagem é o seu fim, e a literatura, arte da palavra e da metáfora, na perspectiva da leitura, é uma forma de viajar sem sair do lugar. O leitor viaja pelo mundo inteiro no comboio de palavras: viaja-se com o pensamento, com a imaginação, com as sensações; viaja-se para lugares fictícios ou reais condicionados pela narrativa.

A pergunta central para os dois casos é: o que aprende quem viaja?

A viagem, como pressuposto de criação literária objetiva, conforme assinala Araújo de Melo (2015), gera o encantamento com o ser humano. Se a literatura é arte da palavra, é igualmente arte do ser humano para o ser humano. Em literatura, gente e palavra se misturam, do mesmo modo que se misturam experiência humana e narrativa. Quem escreve escreve ficção com palavras, as mesmas palavras que lhe inscrevem como ser humano mediante a linguagem.

Tramas da condição humana, contextualizadas ou transtemporais, como a luta contra a angústia, contra o desamparo e contra qualquer tipo de sofrimento; o reconhecimento do perigo da morte; os riscos do desejo; as dificuldades para constituir o equilíbrio emocional, as paixões, o amor: tudo isso ronda romances épicos, de epopeia, versos de trovadores, cartas, madrigais, novelas. O ser humano se despe totalmente na literatura. O infinito humano se abre como camadas superpostas que crescem após cada camada. É o humano sem fundo, sem fim, sem fronteira, dado ao infinito das combinações verbais.

A viagem, a grande e mais importante viagem da literatura, ocorre, assim, no centro do ser humano. O poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, num de seus poemas mais lidos – *O homem, as viagens* – revela isso com maestria:

"O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.
Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.
Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro – diz o engenho
sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto – é isto?
idem
idem
idem.
O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.
Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para te ver?
Não-vê que ele inventa
roupa inselerável de viver no Sol.
Põe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.
Restam outros sistemas fora
do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a dificílima dangerosíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrindo em suas próprias inexploradas
entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver" (Andrade, 2001, p. 81-83).

A leitura do poema certifica-nos, desde o título, que o "homem é feito de viagens". Além do sentido metafórico do termo *viagem*, há, no desenrolar do poema, feito num ritmo de viagem, três viagens. A primeira é a viagem de colonização, que é ambiciosa, exploradora, economicista. Essa viagem, marcada pelos grandes fluxos, pela ida à lua, pela vontade de colonizar outros planetas, demonstra os desígnios da ciência e da tecnologia como força produtiva e artefato social que explode no século XX.

Como são viagens gananciosas, depois de conquistar um lugar, quer-se conquistar outros. Entretanto, ao conquistar ambiciosamente, produz-se uma viagem inversa: a da angústia. O prisma axiológico do poema redunda numa espécie de aviso: quem quer ambiciosamente conquistar demais perde a si.

Esse prisma demonstra que a viagem física, possibilitada pelo arsenal da hipermobilidade contemporânea, ao fazer do turismo apenas uma alavanca econômica, pode fraturar o equilíbrio humano. Muitas vezes, mais importante que ver, sentir e observar as diferenças do lugar, a turistificação leva o sujeito a viajar muito, mas sem sair do seu lugar ontológico. Ou seja, viaja pelo mundo e não sai do seu lugar humano precário.

Daí, Carlos Drummond de Andrade (2001), na segunda viagem, atenta para o mais importante: "a viagem do homem em si mesmo". Contra a externalização, a *performance*,

o torneio financeiro, pode-se ler o poema interpretando a turistificação da seguinte maneira: cabe ao turismo melhorar o ser humano. Ou conforme apresentou a tese de Thiago Sebastiano de Melo (2018), o desafio é pensar o turismo como componente de autodeterminação dos povos e de emancipação.

Para isso, convém superar a visão da atividade turística apenas como negócio. Isso não quer dizer que o turismo não deva gerar renda, mobilizar capitais, dinamizar economias locais. Superá-lo apenas como negócio significa extrair das viagens atributos essenciais, como a aprendizagem; o deslocamento da percepção; o descanso; a convivência com o diferente e com a diferença; inclusive a saída do confinamento do trabalho alienado.

O poema termina apresentando a terceira viagem: a da convivência. A premissa é que o sujeito, em qualquer relação, leva o que tem na bagagem interior, ou seja, o sujeito adoecido, ansioso, ganancioso, vulnerável só pode chegar ao Outro com o que tem. Isso define, de maneira geral, as dificuldades das relações humanas nas sociedades capitalistas. Ora, à medida que as referências simbólicas são vulneráveis (Takeuti, 2004), o Outro, com quem se relaciona, é corolário do próprio desacerto. E quando as referências simbólicas coletivas, ou seja, o Estado, o aparato jurídico, as instituições políticas, médicas, ou de qualquer outra natureza não são confiáveis, as relações, plantadas na desconfiança, estimulam a ética cínica.

Em muitos casos, a prática turística é conduzida pela ética cínica. Entretanto, não é possível separar o turista dos mecanismos simbólicos que formam o sujeito, em geral. A ética cínica do turista, baseada na performatização dos lugares, na mercantilização da memória, na estilização do passado, ou num processo de exploração financeira do que chega, é produto da subjetividade capitalística. Interessa, pois, compreender o processo de subjetivação e perceber como o turismo se coloca como "uma máquina semiotizadora". Ou seja, que produz sentidos, significados e, assim, estabelece referências para as relações.

Guattari e Rolnik (1986, p. 31) apresentam a explicação. Eles dizem:

> "Os processos de subjetivação não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias psíquicas, egoicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser [tanto] de natureza extrapessoal, extraindividual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim, sistemas que não são imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e de produção ideica, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos etc.) (Guattari; Rolnik, 1986, p. 31).

Se o papel da literatura é ensinar o sujeito a fascinar-se pelo outro, é também papel do turismo, conforme sublinhou Drummond (2001), levar o sujeito a viajar dentro de si. Tanto a literatura quanto o turismo promovem a viagem de dentro para fora e a de fora para dentro. O prazer de viajar está ligado ao respeito e à aprendizagem. Ambas as

viagens sacodem a imaginação, agitam a subjetividade inteira, podem criar perspectivas de alargamento da consciência. Viajar – tanto pela via do turismo como pela via da literatura – pode ser uma forma de encorajamento, uma coragem simples: a capacidade de o sujeito se transformar.

Ao procederem assim, turismo e literatura podem contribuir para que o sujeito, individual e coletivo, alargue a sua visão de mundo, estabeleça outras pontes de significação para a própria vida. Não é à toa que há grandes tomadas de decisão depois que se lê um livro ou depois que se faz uma viagem. As viagens, ficcionais ou reais, ao animarem os olhos e a consciência humana, mediatizadas por paisagens, lugares, espaços, podem adensar a experiência humana. Ler um livro é fazer uma grande viagem, inclusive dentro de si; fazer uma viagem pode ser uma forma de sair das clausuras internas.

Mas não há, num esquema de interpretação de valor, nenhuma superioridade pelo fato de as pessoas viajarem e, com isso, "conhecerem vários países" ou os melhores *resorts* do mundo. Não há, em si, nenhuma superioridade de valor, se a pessoa possui uma erudição, conhece os clássicos e os contemporâneos da literatura. Há pessoas que são estrangeiras no próprio lugar em que moram; e pessoas eruditas cuja emoção e valores são precários. Convém, então, considerar que a dignidade, o senso de justiça, a capacidade de conviver com a diferença, a coragem para se ter uma vida intensa e apaixonada não se aprendem apenas pelas viagens literárias e turísticas – apesar de elas poderem ajudar, desde que a visão de mundo do sujeito que as pratica não se renda à precarização do viver.

Ressignificando a viagem como destino: do turista ao viajante

Do romance ao filme, em *Turista acidental,* a mensagem introdutória é emblemática: "É um erro comum superestimar o potencial tempo livre e consequentemente sobrecarregar a bagagem. Nas viagens, assim como na maior parte da vida, menos é invariavelmente mais. – E o mais importante: nunca leve em sua viagem algo tão valioso ou estimado cuja perda deixaria você arrasado." Ou seja: em viagens, não leve nada que você possa perder, pois isso partiria o seu coração; deixe a bagagem leve, reserve espaço para trazer o que adquiriu.

Metaforicamente, podemos intuir que a bagagem é você: mesmo assim não leve os seus velhos apegos, permita-se acolher a novidades e surpresas do destino, aprenda a ser outro em si mesmo, deixando que a viagem o transforme: quando reunir as duas pontas da viagem, o menos encontrará o mais. Podemos dizer que esse modo indicado em *Turista acidental* é um primeiro passo na metamorfose do turista em viajante, pois turista é alguém que se desloca de um lugar a outro com motivos e expectativas; o viajante é, sobretudo, alguém que segue para apreender, alguém que tem a bagagem leve e que inunda o seu olhar com o destino.

O que apreendemos ao olhar os caminhos percorridos e o espaço vivido a partir da viagem? É possível falar de tantos mundos vistos? Tanto o turista quanto o viajante

necessitam *contemplar* o mundo para compreendê-lo. Intuição, observação e encantamento são ações que facilmente aderem ao ato de contemplar, atitude tão negligenciada no mundo contemporâneo. Quem contempla, de certo modo, medita sobre o visto e o lembrado, articula novas imagens para reter a lição da viagem enquanto experiência que não se desfaz, implicando numa aprendizagem.

A viagem continua essencial à escrita, assim como há um sentido literário e geográfico, nas palavras de Proust (2016), de que a viagem de descoberta está no olhar novo. Aquele que se desloca, nesta abertura do século XXI, pode estar prestes a ressignificar a viagem e sua bagagem de conhecimento. O mundo é conhecido do ponto de vista das localizações, mas torna-se cada vez mais complexo e misterioso, porque se transforma cultural, política, técnica e socialmente. A paisagem é a mesma e sempre outra, e tão mais desconhecida se estrangeira nos for.

Algumas imagens e metáforas da viagem geográfica tornaram-se historicamente emblemáticas, tais como *o mapa,* que é sempre ressignificado, e a *bússola*, ainda hoje uma metáfora útil para a aventura rumo ao desconhecido. A viagem é uma experiência imaginária por excelência, ligada à atividade íntima daquele que busca recuperar o gosto pelo desconhecido, pelo secreto que nos move, que nos faz viajantes, reaproxima-nos da exigência poética da viagem.

O verdadeiro viajante é sempre alguém que colhe, na paisagem descortinada, os mais recônditos detalhes. Um turista é potencialmente um viajante; vai tornando-se gradativamente um viajante à medida que aprende a não mais apenas escolher um destino, mas colher o destino, descobrindo o simbólico e reinventando o sentido da descoberta como legado que todos nós podemos partilhar. Por isso, o turismo literário é um outro lugar de partilha, uma outra viagem, um convite que celebra o prazer do encontro com a escrita, com o escritor e sua memória. Esse tipo de viagem necessariamente implica um conhecimento, implica um engajamento, uma leitura do mundo e um motivo singular para viajar.

Há muitos modos de empreender a viagem, talvez o melhor e mais antigo deles seja ainda deslocar-se corporalmente de um lugar a outro e tudo o que possa significar isso na contemporaneidade. Santos (2005) apresenta-nos a ideia de que a fruição da paisagem começa frequentemente onde também termina: nas estações de trem e rodoviárias –, acrescentaríamos, por nossa vez, os portos e aeroportos, lugares ambivalentes com seus itinerários de chegada e despedida.

Por um lado, as jornadas preparam-se com seus destinos, planos e mapas, e, por outro, ao chegar o fim da viagem, a memória anuncia-se, as lembranças de todas as ordens encerram um percurso jamais esquecido. Por vezes, saímos no rastro de outrem para refazer a nossa própria viagem de descobrimento. Santos (2005) apresenta a convergência necessária que deve haver, por exemplo, entre o olhar do geógrafo, o espírito do viajante e a criação do romancista, na compreensão do que denomina paisagem cultural, um estado de intercâmbio entre os sentidos *dessas personas* (geógrafo, viajante, romancista) em um mesmo sujeito que vincula os lugares e os sentidos em favor da narrativa:

> Para lidar com essa paisagem cultural é necessário aguçar o olho do geógrafo, o olho deste que presta a atenção ao entorno material: ao relevo, depressões, às frestas, grutas, brisas, estações [...] presta atenção ao ecossistema arquetípico que a paisagem natural revela *(homo lumina)*. Mas eu alio esse cuidado geográfico da paisagem com o espírito do viajante em sua atitude *(homo viator)*: aquele que deixa seu lugar – cômodo e tranquilo gabinete – para mergulhar no lugar do outro, para investigar aquelas frestas, para olhar naquelas grutas, para descer, subir, entrar nos vales, caminhar e ir atrás das pessoas. O viajante fotografa com seu olhar os instantâneos significativos e deixa revelar em sua alma as imagens em seu movimento próprio, sendo fiel às imagens dinâmicas. [...] Essa atitude do viajante, curiosamente, na sugestão de Ricoeur, se desdobra também em direção ao romancista [...] O romancista, então, é aquele que recria sua experiência *(homo criator)* e com o apuro das palavras reorganiza a experiência para que o outro tenha a possibilidade de vivenciar o encontro tido através da narrativa (Santos, 2005, p. 67, grifos do autor).

Essa perspectiva interessantíssima, apresentada por Santos (2005), para a investigação da paisagem cultural, de certo modo, não fora ou não deveria ser a atitude de todo viajante por excelência? Pois não fomos sempre viajantes? E não devemos narrar com visibilidade nossa experiência nas dobras de um tempo sobre outro? Não nos parece sempre, olhando a trilha para trás de nossa experiência, que sempre estivemos atravessando e diluindo as fronteiras entre *lumina*, *viator* e *criator*? E se, de fato, borramos algum dia essas fronteiras, porque não descobrimos, sobretudo, para nós mesmos esse território imaginário? Poderá a "paisagem" do mundo alcançar-me, sem que eu me desloque? E se refizermos as rotas que tantos já fizeram antes de nós, o que acrescentaremos à observação do espaço-tempo no roteiro da nossa própria viagem? Temos ainda uma palheta de palavras para sequer "descrever" as cores do mundo?

A impressão mágica do mundo obtida na cor de um céu cinza-azulado por um dia de sol, somado ao aroma de flores e frutos que tomam a brisa ao mesmo tempo que o frescor do vento acaricia o rosto. As palavras fazem ver o inefável e com elas pintamos o mundo, o desenhamos para redescobri-lo. Literatura e paisagem também são um croqui imaginário do que é contemplado, que se faz e se emoldura com palavras e para o qual é impossível diluir a impressão retiniana de quem contempla. Nesse horizonte da escolha de um destino literário, o turista já se transfigurou no viajante, pois o seu destino além do horizonte é a palavra que se faz lugar; seu olhar está desperto à significação.

CONSIDERAÇÕES

As redes de pesquisas e os membros ativos do SIGEOLITERART – Simpósio de Geografia, Literatura e Arte –, num grande arco de parceria e de diálogos, têm efetivado esforços no sentido de construir uma epistemologia crítica do turismo. Isso, como foi colocado anteriormente, não significa abominar o turismo, prescrevê-lo com possibilidade de geração de renda, emprego e dinamismo dos lugares. Significa, inicialmente, tomá-lo como fonte de leitura das contradições das sociedades mundializadas.

Para tal, convém enfrentar as ideologias fartamente constituídas nos discursos do turismo, como a redenção econômica de países, regiões ou lugares empobrecidos. O que se vê nos números e nos indicadores é que o turismo forma uma economia de monopólio. Além disso, é atravessado pela divisão internacional do trabalho e pela diferença de classe. As estatísticas demonstram também que o salário pago para o trabalhador do turismo é irrisório. Apesar disso, a atividade turística cresce, à revelia de qualquer crise, no mundo inteiro. Contudo, esse crescimento é diferenciado: os países mais ricos usufruem mais das divisas proporcionadas pela atividade.

Nessa mesma linha, convém contrapor-se ao tipo de turismo que defenestra os lugares, devassa as paisagens e opera formas de *status* julgados superiores ao Outro a partir do dinheiro. O encontro entre literatura e turismo pode ajudar a compreendê-lo além de uma visão economicista. Se um dos papéis da literatura é levar o sujeito a descobrir em si outras potências e a enxergar o Outro como um mundo infinito, o turismo pode funcionar no papel de alargar a visão sobre o mundo.

Quando o sujeito sai de sua rotina, de seu protocolo de trabalho, de sua cidade e de seus hábitos, pode aprender mais sobre as suas próprias referências. A viagem da literatura, viagem metafórica, ficcional, supõe um avanço sobre qualquer tipo de confinamento; e a viagem turística ajuda a deslocar a percepção, os sentidos, as emoções. Ambas as atividades humanas – literatura e turismo – se encontram quando criam meios para a fascinação pelo Outro e, daí, quando dão os braços contra a miséria humana.

Entretanto, a literatura como qualquer ação humana, atravessada de valores, também possui correlação direta com as determinações sociais. Artefatos e condições, excesso de imagens e o bombardeio sensorial, pressa, ritmo alucinado, hiperfluxos, fragmentação de gêneros, narcisismo, midialização da existência, sociabilidade envenenada – características do capitalismo atual – se colocam na literatura e também no turismo.

Mas se há movimentos de turismo crítico, há, igualmente, outras formulações literárias, como o movimento de escritores indígenas, a literatura negra, a universidade das quebradas, a voz das periferias, a literatura feminista, de gênero e de cordel. Pode-se dizer que a literatura entra na zona de combate e dela nunca sai; e, ao entrar, tem como primazia o *logos* e a *polis,* expedientes da palavra. Ao colocar a palavra no centro do humano, entende-se que não há liberdade sem mudança de linguagem.

É plausível considerar, portanto, que o turismo tem se consolidado como uma narrativa hegemônica do mundo; e que as narrativas do mundo criam o mundo mediante nós, ou seja, por meio de entrelaçamentos. As viagens literárias e as viagens turísticas, em entrelaçamentos, permeiam o mundo da palavra e das determinações sociais concretas. Enriquecer-se humanamente, propósito do turismo e da literatura, é aumentar e melhorar a experiência humana, ou seja, enriquecer o viver com o “porre necessário da liberdade”.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. *A palavra mágica*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ARAUJO DE MELO, Marcio. Entre livros, leitores e realidade. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 28, p. 161-176, 2015.

BUCCI, Eugênio. A superindústria do imaginário. São Paulo: Autêntica, 2021.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Micropolítica: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

MELO, Thiago Sebastiano. Solvitur ambulando: uma viagem rumo à autodeterminação popular. Análises da turistificação da existência e modernização dos territórios como componentes da metanarrativa capitalista. 2018. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Geografia – IESA – Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

O TURISTA acidental/The Accidental Tourist. Direção: Lawrence Kasdan. Intérpretes: William Hurt, Geena Davis, Kathleen Turner, Bill Pullman, Amy Wright, David Ogden Stiers, Ed Begley Jr., Robert Hy Gorman, Seth Granger. Roteiro: Frank Galati e Lawrence Kasdan. EUA: Warner Bros., 1988. VHS, Cor, 121 min.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido:* Aa prisioneira. Rio de Janeiro: Nova, 2016.

SANTOS, Marcos Ferreira. O espaço crepuscular: mitohermenêutica e jornada interpretativa em cidades históricas. *In*: PITTA, Danielle Perin Rocha (org.). *Ritmos do imaginário.* Recife: UFPE, 2005. p. 59-99.

TAKEUTI, Norma. Subjetividades e vínculos sociais. *In*: SOUSA, I. M. (org.). *Café filosófico:* filosofia, cultura e subjetividade. Natal-RN: Editora da UFRN, p. 262-273, 2004.

TEZZA, Cristovão. *O espírito da prosa*: uma autobiografia espiritual. Rio de Janeiro: Record, 2012.

TYLER, Anne. O turista acidental. 6. ed. São Paulo: Imago, 1987.

SOBRE OS/AS AUTORES/AS

EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO – Possui Graduação em Geografia pela Pontífice Universidade Católica de Goiás (1987), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (1996), Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2001) e Pós-Doutorado em Saúde do Trabalhador pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz/RJ). Atualmente é Professor Titular do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG). É Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Espaço, Sujeito e Existência "Dona Alzira". Mantém parcerias de trabalho com instituições em Moçambique/África, Cuba, Chile e Alemanha. Coordena projetos de pesquisas financiados pelo CNPq, CAPES e FAPEG. Desenvolve trabalhos ligados à abordagem territorial do Cerrado; saúde, trabalho e território; cartografias existenciais de Pessoas com Deficiência; Geografia, literatura e arte. Possui bolsa produtividade :Produtividade em Pesquisa - PQ - 2 com o título: A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS NO CERRADO GOIANO: propostas para a soberania alimentar dos povos, pela instituição de Execução: Universidade Federal de Goiás.

E-mail: eguimar@ueg.br

ADÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA – Doutor em Geografia (IESA/UFG, 2011) e Pós-Doutor em Geografia por esse mesmo instituto (2021). Mestre em Sociologia (DCS/UFG, 2002). Graduado em História (FCHF/UFG. 1996). É o atual presidente da ANPEGE - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. Foi Secretário de Educação, Juventude e Esportes do Tocantins em 2015 e 2016, tendo acumulado o cargo de Secretário de Estado da Cultura do Tocantins. É Professor da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFT de Porto Nacional. Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFT em 2014-2015, sendo novamente o seu atual coordenador. Na UFT, foi Diretor de Pesquisa (2012), Assessor de Relações Institucionais da Reitoria de junho de 2012 a agosto de 2014 e também Chefe de Gabinete em Exercício. Foi professor da Unitins (abril de 2008 a julho de 2010), onde ocupou os cargos de Diretor de Pesquisa Institucional e Assessor de Pós-Graduação. Em Goiás, foi professor da UEG entre 2000 e 2007. Tem experiência nas áreas de Geografia Urbana e Regional e Sociologia Urbana, atuando principalmente nos temas de Planejamento e Gestão do Território e Desenvolvimento da Educação. É pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) Observatório das Metrópoles - núcleo Goiânia desde 2002 e coordena o OPTE - Observatório de Políticas Territoriais e Educacionais.

E-mail: adaofrancisco@gmail.com

VALÉRIA CRISTINA PEREIRA DA SILVA – Pós-doutora em Geografia e Literatura pela Universidade Nova de Lisboa (2019), doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista-UNESP-Presidente Prudente-SP (2008), mestre em Geografia -Universidade Estadual Paulista-UNESP-Presidente-SP -(2002) e graduada em Geografia pela mesma

instituição (1999). Nesta instituição recebeu Diploma de Mérito Acadêmico (1999) e título de melhor tese (2008). É professora associada II da Universidade Federal de Goiás-UFG, junto ao Instituto de Estudos Sócio-ambientais desde 2010. Atuou como professora colaboradora na Faculdade de Informação e Comunicação-UFG junto as disciplinas de Estudos da Imagem e História do Cinema (2016-2018). É membro do Programa de Pós-Graduação em Geografia do IESA, onde orienta trabalhos nas linhas de Geografia Arte/Literatura, Imagem e Imaginário da Cidade, memória, cultura e patrimônio. É também membro permanente do Progorama de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais, vinculado a Faculdade de Ciências Sociais da UFG e atua na linha de Espaços, Materialidades e Teatralidades. É autora do livro: Palmas, a última capital projetada do século XX: uma cidade em busca do tempo (2010) pela editora Cultura Acadêmica; organizadora do livro Representações Imaginárias da Natureza (2013) pela editora Appris. É autora de literatura infanto-juvenil com o livro Em asas de borboletas e em bolhas de sabão (2013) publicado pela Editora Paulinas e Estrelário pela Amazon. É autora de artigos científicos e capítulos de livros ligados aos seguintes temas: Imagem, Imaginário, Sensibilidades Urbanas e Culturais Contemporâneas, Temporalidades, Pós-modernidade, Estudos Semióticos da Paisagem, Geografia Literatura e Arte. É editora-chefe da Revista Terceiro Incluído. Fundadora e coordenadora do Grupo de Estudos de Imaginário, Paisagem e Transculturalidade GEIPaT, registrado no CNPq e vinculado à Rede Internacional de Estudos do Imaginário: Centre de Recherches Internationales sur l?Imaginaire- CRI2i.

E-mail: valeria_silva@ufg.br